

# Otimismo e fé

LEOPOLDO COLLOR DE MELLO

O sucesso com que está sendo conduzido o programa de privatização das empresas estatais, as perspectivas de uma boa safra agrícola, com as primeiras indicações de que poderemos obter uma safra de 65 milhões de toneladas de grãos, a possibilidade bastante visível do fechamento de um acordo com o FMI, a conscientização do Congresso em torno da necessidade de efetuar reformas constitucionais, como condição indispensável à governabilidade econômica, constituem, entre outros, os sinais de que mais um ciclo de catastrofismo está sendo afastado.

Viver sob cenários derrotistas ou debaixo de um negativismo pouco inteligente não faz bem a ninguém. Não é novidade que o País atravessa momentos difíceis, em consequência de um modelo de desenvolvimento que há anos vem sendo adotado. Construímos um parque produtivo e uma infra-estrutura econômica básica para sedimentar o processo de crescimento, a custos onerosos, o que promoveu em consequência um grande endividamento. Investimos em muitos setores, conquistamos amplos avanços nos eixos da economia, mas as reformas fundamentais para a modernização do País foram deixadas de lado. Hoje, estamos pagando um alto preço por termos construído as bases do nosso desenvolvimento sem um programa homogêneo e consistente de reformas fundamentais, a partir da primeira delas, a reforma do Estado.

Com esta visão, ficam claros os objetivos da atual administração federal e mais nítidos os contornos do momento que estamos atravessando. O esforço que se está empreendendo visa, antes de mais nada, a preencher os vazios que a situação nacional está a exigir. Em primeiro lugar, há que se ajustar o papel do Estado ante as contrafações e distorções que emperram o processo de desenvolvimento. O Estado, conformado a um tamanho ideal, se torna ágil, funcional, ganha os valores da modernidade e se transforma efetivamente em promotor de crescimento. O programa de privatização, nesse contexto, é um sinal de extraordinário avanço. A administração libera-se de atividades que não lhe concernem, enxuga estruturas, economiza e ganha recursos para investir em programas sociais. Ao mesmo tempo, o País emite sinais positivos ao Exterior, que certamente redundarão em afluxo de capitais para investimento.

A reforma educacional é outro instrumento prioritário para a mudança de costumes e absorção de novos padrões de comportamento. Um amplo programa de investimentos no ensino básico pode ser a semente de uma cultura de transformações tão exigida por nossa sociedade. Quer dizer, sem a criação de uma base que dê sustentação às reformas, tudo o que se fizer poderá cair no esquecimento ou se transformar em realização estanque, e de pequena duração. O Brasil está a precisar de ações voltadas para a eficácia, de empreendimentos duradouros e de conceitos transformadores que não se esgotem com o passar das administrações.

Somos um país jovem, um imenso território cheio de riquezas, com potencial em todos os campos. Temos uma economia que pode se vitalizar, no curto



prazo, e um povo trabalhador disposto a colaborar no esforço para a reconstrução nacional. Basta atentarmos para as recentes campanhas de opinião pública, que ressaltam a confiança popular nas potencialidades do País. A população tem atestado, sobretudo, a necessidade de uma ampla mobilização. A tarefa de reconstruir cabe a cada cidadão. Em contrapartida, podemos distinguir os conflitos que ocorrem com povos-irmãos de nações europeias, verificar que países, como o Japão, altamente industrializados se debatem diante da escassez de espaços, constatar que milhões de pessoas enfrentam a fome em países dos continentes africano e asiático, e comparar a violência urbana que marca rudemente o perfil das metrópoles mundiais. Diante de um quadro internacional de grandes dificuldades, o Brasil exibe grandes possibilidades e não merece absolutamente o perfil tortuoso que muitos lhe procuram impingir.

Não podemos deixar que a falta de otimismo iniba as vontades e derrube os ânimos. Há interesseiros em pregar o derrotismo, porque sua política é orientada pelo calculismo de ganhar com a perda dos outros. Não devemos deixar que as correntes negativistas espalhem ares de tempestade por todos os lados. Os sinais de equilíbrio que começam a aparecer, as potencialidades inesgotáveis do País, a volta da confiança dos investidores internacionais, com os efeitos do programa de privatização, a maneira discreta, firme e sem ameaças de alterações nas regras do jogo, que está sendo empregada pela equipe econômica, integram um quadro de busca da tranquilidade e da normalidade.

Para quebrar as forças de negação, o País precisa juntar suas energias criativas, a força dos trabalhadores, a capacidade empreendedora dos empresários, a competência dos nossos políticos, principalmente a compreensão para colocar os interesses nacionais acima dos interesses pessoais, a qualidade moral e ética dos nossos legisladores. Essas forças, unidas, podem formar a esteira das mudanças que a sociedade tanto exige. É preciso acreditar nos homens de boa intenção de nosso país. Eles existem e estão presentes em todos os setores da vida nacional. Precisam ser valorizados e convocados para a tarefa de reconstruir os pedaços vazios e defeituosos da vida nacional. Essa tarefa exige otimismo e fé.

■ Leopoldo Collor de Mello é presidente do PRN-SP